



## PEQUENOS FRUTOS ESTÃO A TORNAR-SE GIGANTES

Apesar da instabilidade e dos desafios de 2020, a fileira conseguiu bater recordes de exportações ao atingir os 247 milhões de euros e há claros sinais de que o consumo destes frutos cresce de forma acelerada. As explorações são vistas como exemplos de boas e inovadoras práticas agrícolas e, num ano de 2021 que se adivinha complicado, os produtores não baixam os braços e lutam por uma maior capacidade competitiva, como nos dá conta Luís Pinheiro, da Lusomoramgo.

Ana Gomes Oliveira

**D**e pequenos, só têm mesmo o nome e o tamanho. Os pequenos frutos, onde se inclui a framboesa, a amora, o mirtilo e o morango, bateram recordes de exportações em 2020, sendo já considerados os gigantes no sector em Portugal. Estamos perante uma das fileiras mais organizadas, profissionalizadas e com modos de produção inovadores. Desde 2015, as vendas ao exterior praticamente triplicaram e actualmente, no sector das frutas e legumes nacionais, são o produto mais exportado.

A pandemia de covid-19 veio acentuar as questões relacionadas com a importância de uma alimentação saudável e basta uma rápida pesquisa na Internet para perceber que os peque-

nos frutos integram quase todas as listas de “quais os melhores alimentos para se proteger contra o coronavírus”. Assim, a par dos bons resultados nas vendas ao exterior, o seu consumo tem tido também uma curva ascendente bem acentuada. As suas propriedades nutritivas podem estar, segundo Luís Pinheiro, presidente do Conselho de Administração da Lusomoramgo – a maior Organização de Produtores nacional de frutas e legumes, em volume de negócios, e que se dedica à produção e comercialização de pequenos frutos, sobretudo a partir da região do Sudoeste Alentejano - na origem do «aumento do consumo acelerado de pequenos frutos verificado em 2020». Porém, esta é uma tendência de crescimento que, apesar de

ter tido um maior impulso no último ano, vem vindo a verificar-se desde 2018. As questões relacionadas com o desenvolvimento sustentável e que têm estado na ordem do dia podem também estar a contribuir para que os pequenos frutos estejam a ser mais consumidos.

«Creio que a questão da pandemia está a puxar pelo consumo dos pequenos frutos em vários dos nossos mercados. Não temos ainda dados sobre quanto é que cada mercado europeu terá crescido em volume ou em valor durante 2020, mas temos a noção sobre alguns deles e verificamos que em algumas geografias o consumo acelerou mais do que era expectável».

### Vendas recorde em ano difícil

A Lusomornago fechou o ano com um volume de negócios acima dos 65 milhões de euros. E se é certo que no início de 2020, quando não se adivinhava o contexto pandémico, as expectativas eram mais optimistas, a verdade é que, mesmo com todos os desafios e constrangimentos, o ano passado foi «satisfatório».

«Sabemos bem o que foi o ano de 2020, mas acabámos por ficar muito satisfeitos. A partir de final de Abril o mercado europeu voltou à normalidade, e nalguns casos até nos surpreendeu, pela positiva, o que acabou por levar, na segunda parte do ano, a um patamar bastante elevado, com impactos positivos nos preços, nomeadamente na framboesa», refere Luís Pinheiro.

Ou seja, conseguiu-se retomar a confiança do mercado e «retornar valor» aos associados da organização. «Não tendo sido o melhor ano para os produtores, não só por causa do mercado e dos preços, mas também porque a pandemia trouxe custos acrescidos de operação (um aumento de cerca de 20 cêntimos por quilo directamente relacionado com as medidas tomadas face à covid-19), e outras dificuldades logísticas, mas enquanto Organização e valorização para a produção, diria que foi bom».

Aliás, a retoma dos mercados reflectiu-se nos dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística. Entre Janeiro e

Dezembro de 2020, as vendas ao exterior desta fileira atingiram 247 milhões de euros (face a 234 milhões, em 2019), num ano, refira-se, em que as exportações nacionais caíram acima de 10%. O sector agroalimentar, no geral, e o sector dos pequenos frutos, em particular, foram excepção neste cenário de retracção. Os pequenos frutos mantêm-se, assim, como os campeões das exportações agrícolas nacionais, conseguindo um aumento em valor de 5,5% face a 2019.

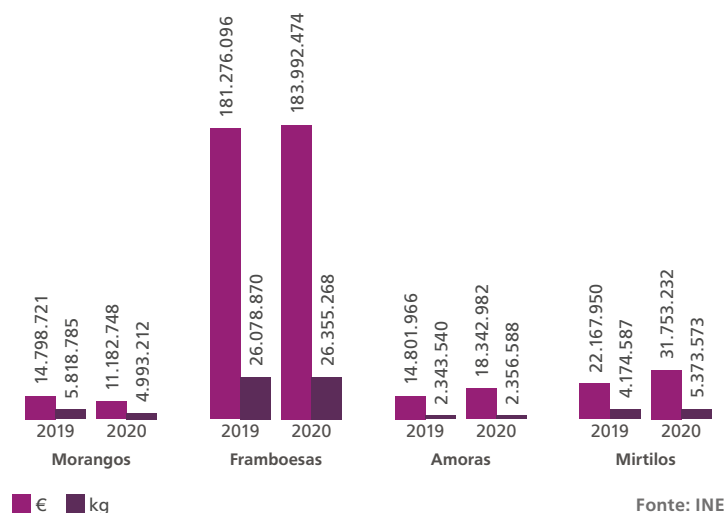
Além do crescimento em valor, as exportações de pequenos frutos também registaram um recorde em termos de quantidade vendida ao exterior: em 2020, seguiram para os mercados de destino internacionais 39,3 mil toneladas de framboesas, amoras, mirtilos e morangos, mais 2% do que no ano anterior. Os mirtilos (+45%) e as amoras (+32%) foram as categorias que registaram maiores crescimentos, em valor, em termos de exportações. As framboesas mantiveram o registo de 2019, enquanto os morangos registaram um recuo de 25% face ao ano anterior. Em 2020, mais de metade das exportações destes frutos destinaram-se a dois mercados: o holandês (32%), que representou 80 milhões de euros; e o alemão (20%), que pesou 49 milhões de euros. O pódio dos maiores clientes fica completo com Espanha (17%), que comprou 43 milhões de euros de pequenos frutos a Portugal. Reino Unido, França, Bélgica e Suécia são outros mercados importantes para a fileira nacional.

### Espírito optimista com passos cautelosos

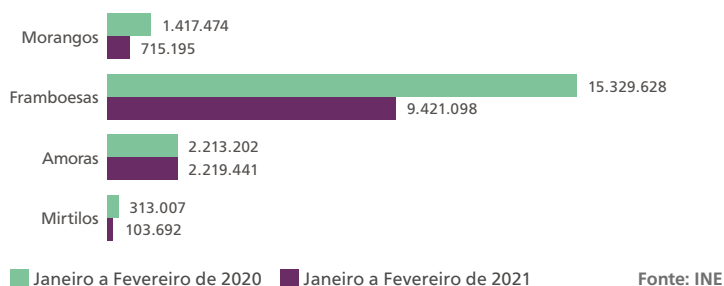
Neste momento, as incertezas sobre como a economia mundial vai reagir a todo este contexto são muitas, daí que, apesar das vitórias no segmento dos pequenos frutos, a fileira siga determinada mas com alguns receios. «Aliás, vários investimentos que estavam previstos estão em *stand by*. A pandemia veio trazer alguma cautela na questão do investimento em aumento de área. Além disso, 2021 não arrancou da melhor forma e por isso estamos com um optimismo cauteloso», dá conta o mesmo responsável.

Apesar de o primeiro trimestre não ser determinante para a Lusomornago, este já se revelou negativo face ao que era

### Exportações de Pequenos Frutos



**Exportações de Pequenos Frutos (em euros)**



esperado, nomeadamente por haver menos volume em virtude dos investimentos que ficaram parados e também das condições climáticas. «Apesar de não estarmos a ter perda em valor, estamos a ter em volume face a 2020. Tivemos um início de ano extremamente difícil em termos climáticos, com um Janeiro muito frio e que diminuiu o potencial produtivo das plantas. Até as nossas produções de amora no Algarve sofreram bastante, porque não é usual apanharem com temperaturas negativas, como aconteceu.»

Para o presidente da Lusomorango, as expectativas do que irá acontecer daqui para a frente ficam dependentes «da eficiência dos Planos de Recuperação e Resiliência que cada um dos países está a fazer e da rapidez com que cada um destes mercados vai conseguir recuperar economicamente». Porém, sublinha, a maior apreensão nem recai sobre 2021, mas sim em 2022, «quando a maior parte dos países europeus já não contar com as medidas de apoio do Estado».

**Agricultura de precisão com papel determinante**

Quando se fala em agricultura de precisão, as explorações de pequenos frutos em Portugal são muitas vezes dadas como exemplos. Apesar de Luís Pinheiro ressaltar que «ainda falta muito caminho para percorrer», confirma que na fileira «já há muita tecnologia a ser utilizada, nomeadamente no que diz respeito ao consumo de água, através da rega, na monitorização da nutrição das plantas, mas também na informação climática, no controlo de pragas e doenças de forma eficaz

e efectiva, com protecção integrada e com a utilização cada vez mais reduzida de pesticidas».

Aliás, ligado ao problema das alterações climáticas, defende que Portugal tem de pensar seriamente na questão da água, «porque é fundamental para a nossa competitividade». «É necessária uma política de água pensada para que se consiga a sua disponibilidade nas várias regiões do País e com uma gestão eficiente, para que cada gota conte. E aqui a agricultura de precisão é fundamental. Para diminuir as perdas e os desperdícios que ainda acontecem na nossa actividade».

Por outro lado, acrescenta Luís Pinheiro, tendo em conta os desafios colocados pelo Pacto Ecológico Europeu «verifica-se, mais uma vez, que a agricultura de precisão é essencial». Mesmo na questão da fitossanidade, «balanceando a aplicação de tratamento químico e a aplicação de bioprotecção, com mais tecnologia e maior conhecimento podemos passar para uma agricultura com menos pesticidas e muito mais integrada no ecossistema», defende.

Para o ano, avança Luís Pinheiro, há associados da Lusomorango que vão arrancar com a produção em modo biológico de framboesa. «Já se tem feito bastante com o mirtilo, que é uma cultura com menos pragas associadas, mais resistente, mais perene. No caso da framboesa, existem alguns desafios importantes relacionados com algumas pragas, mas é um caminho que tem de ser feito. Até porque penso que utilizando inovação e conhecimento é possível chegar longe. Sabemos que hoje vamos ter perdas importantes do potencial produtivo de framboesa em modo biológico, mas vamos acreditar que a ciência evoluirá encontrando soluções mais sustentáveis e concorrenciais. Com isto não estou com um discurso anti-químicos, não é isso que se trata, trata-se sim de defender um maior equilíbrio, porque até a própria indústria irá caminhar para uma situação de ter pesticidas cada vez mais direccionados e menos agressivos». É nesta linha de pensamento que o mesmo responsável defende que a sustentabilidade não pode ser apenas pensada na vertente do biológico, mas sim no ecossistema. «Não tem de significar o abandono de pesticidas ou fertilizantes sintéticos», conclui. ●

